

Gang dos Patins: lazer, consumo, afetos e sociabilidades em Copacabana¹

Alessandra de Figueredo Porto
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro/RJ

Resumo

O artigo busca compreender as imbricações entre o lazer e o consumo (com ênfase em seu caráter cultural), tendo como premissa o compartilhamento de experiências que emana das práticas coletivas. O objeto da análise é o grupo de patinação Gang dos Patins. Fundado em 2008 com o objetivo de agregar pessoas em torno da patinação, o grupo se reúne aos domingos e feriados na área de lazer da Avenida Atlântica, com a participação de patinadores de várias idades, gêneros e locais de moradia. Estilos de vida, consumo e sociabilidades se evidenciam no famoso calçadão de pedras portuguesas quando os participantes da “Gang” se reúnem. A Copacabana “Princesinha do Mar” é intercultural; e o ato de patinar com a “Gang” pela Avenida Atlântica demonstra como práticas coletivas dão vigor às tramas cotidianas da cidade.

Palavras-chave: Copacabana; Consumo; Estilos de vida; Lazer; Gang dos Patins.

1. Introdução

A patinação (também chamada de patinagem) surgiu por volta de 1000 a.C através de antigos habitantes da região onde atualmente se localiza a Noruega, país europeu banhado pelo oceano Atlântico. Tendo como objetivo criar novas formas de locomoção mais rápidas, tais habitantes passaram a acoplar sob suas pernas uma espécie de patins feitos de ossos maxilares de veados para atravessar com maior facilidade os lagos congelados da região.² Os primeiros patins de rodas foram criados pelo inventor belga Jean-Joseph Merlin no ano de 1760.³ No Brasil, os patins in line (também chamados de in line skates)⁴ surgiram em 1993. São utilizados para o esporte e para o lazer - e também são considerados um meio alternativo de transporte.

Desde janeiro de 2008, a Gang dos Patins procura agregar pessoas de todas as idades, gêneros e locais de moradia em torno da patinação. O grupo carioca nasceu na Lagoa Rodrigo de Freitas (no Parque dos Patins), mas a ideia se espalhou como se fossem “células” da Gang dos Patins pelos bairros do Rio de Janeiro. E uma das “células” de participantes se reúne aos domingos e feriados na Avenida Atlântica (no bairro de Copacabana, na altura do Posto 2) para patinar. Como as faixas de pista são fechadas para o lazer nas datas acima (de acordo com determinação da prefeitura do Rio de

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 2 (GT2) Consumo, Comunicação e Organizações, atividade integrante do XIII Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas.

² <Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/download/8637774/5465> Acesso em: 29 jan.2019>

³ <Disponível em: <http://esportes-ne.com.br/a-historia-da-patinacao/> Acesso em: 30 jan.2019>

⁴ Patins com três, quatro ou mais rodas em linha reta.

Janeiro)⁵, o local vira um rink de patinação gratuito a céu aberto com a presença dos integrantes da “Gang”, que com os seus patins nos pés possuem a “Princesinha do Mar” como cenário, promovendo também o compartilhamento das dimensões afetuais (MAFFESOLI, 2007). O artigo busca compreender as imbricações entre o lazer proporcionado pela patinação, o consumo e as experiências vividas por patinadores da Gang dos Patins que frequentam a área do Posto 2 da Avenida Atlântica (sempre aos domingos e feriados). Para tal, foram entrevistados patinadores integrantes do grupo, contemplando um dos instrutores voluntários da Gang dos Patins, Josias Silva da Silva - e também um de seus fundadores, Claudio Castro. Para a coleta dos dados, foi utilizada a metodologia qualitativa, através da realização de entrevistas individuais baseadas em um roteiro estruturado. Myers (2011) menciona que é apropriado voltar à montanha de falas nos materiais de pesquisa, e tratá-los como falas, olhando para interações específicas. Ainda segundo o autor (2011), a análise atenta dos dados falados transcritos pode levar a compreensões mais claras sobre os dados coletados quando se trata de projetos de pesquisa em ciência social.

Sendo assim, entender os mecanismos e significados que a Gang dos Patins suscita em seus integrantes quando se reúnem para patinar (com ênfase no espaço da Avenida Atlântica) constitui o eixo do presente trabalho, uma vez que as “cidades são, por excelência, campos de análise da comunicação por serem espaços permanentes de expressões de todas as ordens” (FREITAS, 2017, p. 50).

2. A “Gang dos Patins”: histórico e apresentação

A ideia de criar a Gang dos Patins partiu dos patinadores Claudio Castro, Claudia Alves e Marcelo Norberto. Fundado no dia 7 de janeiro de 2008, o projeto nasceu no Parque dos Patins, situado na Lagoa Rodrigo de Freitas (no município do Rio de Janeiro). Em entrevista cedida à autora do presente artigo, Claudio mencionou que a ideia de criar a “Gang” surgiu porque na época estava voltando a patinar, já que trabalhava em um local muito estressante - e sentiu a necessidade de praticar uma atividade física. A partir de então, percebeu que não havia, na ocasião, nenhuma estrutura para receber o patinador que estava retomando a atividade (ou mesmo começando a patinar). Desse modo, Claudio

⁵ <Disponível em: <http://www.prefeitura.rio/web/smtr/exibeconteudo?id=2801886> Acesso em: 02. fev 2019>

decidiu juntamente com os outros dois parceiros reunir um grupo de pessoas que se dedicassem à patinação sem fins comerciais ou financeiros. Ou seja: criar um grupo onde a patinação fosse ensinada gratuitamente. Na entrevista, Claudio mencionou:

Estamos fazendo dez anos agora. Começamos com três componentes, e em pouco tempo nós passamos para trezentos componentes, porque na época houve uma entrevista que foi feita pela parte da Rede Globo no programa da Ana Maria Braga - e nós comentamos e participamos com um dos componentes (da Gang dos Patins). E eles filmaram a gente! De trinta passou para trezentos em três meses, e de repente a gente já estava com três mil componentes; e hoje a gente está na faixa mais ou menos de seis a sete mil componentes⁶.

Tendo como propósito reunir pessoas para patinar, a “Gang” criou uma espécie de “célula” em Copacabana, na Avenida Atlântica (na altura do Posto de Salvamento 2). As reuniões que ocorrem no Posto 2 aos domingos e feriados para ensinar a patinação são gratuitas, exatamente como surgiu a Gang dos Patins em 2008. Cabe destacar que a Praia de Copacabana é dividida em cinco postos de salvamento do Corpo de Bombeiros, que vão do Posto 2 até o Posto 6. Os encontros acontecem sempre de 16h às 18h, onde a Gang dos Patins busca incentivar pessoas de todas as idades a praticar a patinação (seja para aprender ou aprimorar novas manobras). É importante frisar que, de acordo com a lei municipal que diz respeito ao funcionamento das áreas de lazer em logradouros públicos da cidade do Rio de Janeiro, a pista junto à orla da Avenida Atlântica permanece fechada das 7h às 18h aos domingos e feriados, para a recreação de pedestres e ciclistas de até oito anos de idade.⁷

Os espaços públicos abertos de lazer trazem inúmeros benefícios para a melhoria da habitabilidade do ambiente urbano, entre eles a possibilidade do acontecimento de práticas sociais, encontros ao ar livre e manifestações de vida urbana e comunitária, que favorecem o desenvolvimento humano e o relacionamento entre as pessoas (MASCARÓ e OLIVEIRA, 2007). Nesse sentido, a orla copacabanense se torna um grande “playground”, conforme destaca Corrêa (2009, p. 141):

Aos domingos e feriados, além do espaço do calçadão, as três faixas da pista da Avenida Atlântica próximas a ele são interditadas ao trânsito de veículos e ficam liberadas exclusivamente para o uso de pedestres, que fazem caminhadas, andam de bicicleta, triciclo, patins, skate, etc.

⁶ Informação extraída de entrevista concedida por Claudio Castro à autora do artigo, realizada no dia 29 de julho de 2018.

⁷ <Disponível em: <http://www.prefeitura.rio/web/smtr/exibeconteudo?id=2801886> Acesso em: 30 jan. 2019>

Cabe destacar que a orla faz parte de um grande subsistema linear e contínuo de espaços livres públicos de Copacabana (CARDEMAN, 2012). Sendo assim, ao longo da orla, do Posto 6 da praia de Copacabana até a Avenida Princesa Isabel (localizada no Leme), a diversão vai além do banho de mar aos domingos e feriados. E no horário de verão, o fechamento da via foi estendido para as 19h.⁸ Em muitas ocasiões ocorre desordem, já que alguns ciclistas adultos insistem em pedalar na área de lazer (fora da ciclovia), o que acaba provocando acidentes (e até atropelamentos) com pedestres⁹. Mas, independentemente do caos e da desordem que muitas vezes impera na orla, cariocas e turistas procuram aproveitar os domingos e feriados usufruindo da Praia de Copacabana, que “tem lugar de destaque no imaginário social brasileiro e internacional no que se refere a um lugar propício ao lazer” (CORRÊA, 2009, p.138).

É interessante pensar que a cidade deve ser percebida como uma variedade de lugares, onde as práticas coletivas fortalecem e dão vigor ao imaginário urbano (LA ROCCA, 2015). Visando ilustrar o raciocínio em questão, os pontos da orla carioca podem ser vistos como locais onde tais práticas se destacam, juntamente com exemplos de outros lugares do mundo - conforme cita o autor (2015, p. 180):

Basta pensar no Rio de Janeiro e na orla das praias de Copacabana e Ipanema; nos parques públicos de Seul; nos interstícios de Paris, nos vãos sob a ponte da Île des Cygnes - no sétimo distrito - ou em La Villette; nos playgrounds de Nova York, etc.

Foi na década de 20 que a cidade do Rio de Janeiro ganhou uma nova fisionomia, passando a exibir a modernidade às margens do oceano Atlântico. O’ Donnell (2013) cita que Copacabana era o símbolo da modernidade, onde despontavam novas formas de uso do espaço e de vivência da corporalidade. Os piqueniques eram atividades de lazer bastante comuns na época, e Copacabana era um dos locais preferidos para a prática. Ainda segundo a autora (2013), trabalhadores embarcavam no bonde (muitos oriundos dos subúrbios), e seguiam para Copacabana em busca de momentos de lazer e diversão ao ar livre, estendendo suas toalhas de piquenique.

Ou seja: a dinâmica que diz respeito às formas de usufruir da cidade à beira mar se perpetua em uma perspectiva contemporânea no bairro de Copacabana, e pode ser

⁸ <Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/cinco-vias-interditadas-para-area-de-lazer-14548142> Acesso em: 30 jan. 2019>

⁹ <Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/ministerio-publico-quer-saber-quem-fiscaliza-orla-da-zona-sul-22930982> Acesso em: 30 jan. 2019>

observada quando a orla permanece fechada para lazer aos domingos e feriados. Nesse contexto, faz-se necessário entender que “o tempo fora do trabalho é, evidentemente, tão antigo quanto o próprio trabalho, porém o lazer possui traços específicos, característicos da civilização nascida da Revolução Industrial” (DUMAZEDIER, 1979, p. 26).

Voltando à análise da Gang dos Patins, o projeto procura reiterar em seu site que a patinação também é lazer - conforme se observa a seguir¹⁰:

Somos um grupo de patinação e nossos encontros foram feitos para você. Visamos patinar como um esporte, como lazer, como meio de transporte ou mesmo como um meio de esquecer do estresse do dia a dia a que todos estamos expostos. Somos pessoas que patinam e muitas vezes estamos aqui para simplesmente bater papo patinando ou não.

Partindo das discussões anteriores, o lazer deve ser entendido como:

um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (DUMAZEDIER, 1973, p.34)

Além de entender a patinação também como um lazer, a Gang dos Patins visa fazer com que seus participantes revejam antigas amizades, bem como conquistem novos amigos¹¹. Maffesoli (2004) menciona que em função dos gostos, das vontades e das necessidades, sem esquecer as exigências do trabalho, do lazer e do consumo, podemos encontrar espaços de celebração. A comunicação urbana contemporânea associa o consumo à produção cultural, fato que pode ser observado em metrópoles como o Rio de Janeiro. Cabe lembrar que “o consumo é moldado, dirigido e constringido em todos os seus aspectos por considerações culturais” (MC CRACKEN, 2003, p. 11).

. Slater (2002) menciona que é através das formas de consumo culturalmente específicas que produzimos e reproduzimos culturas, relações sociais e, na verdade, a sociedade. Criando e sustentando estilos de vida, o consumo possui um caráter completamente cultural (MC CRACKEN, 2003). Nesse sentido, o consumo material e simbólico participa da tessitura da malha cultural das cidades, onde o ato de consumir e o modo como se consome produz cognição, uma vez que “a cultura urbana, em suas

¹⁰ < Disponível em: <http://gangdospatins.com.br> Acesso em: 29 jan. 2019>

¹¹ Idem.

implicações simbólicas e em suas materialidades, construiria representações da cena metropolitana de larga pluralidade” (BORELLI et al., 2009, p. 285).

Claudio Castro (um dos fundadores da “Gang”) mencionou em entrevista que: *“Não é a parte do esporte exatamente que a Gang dos Patins foca, ela foca a parte de integração social, que é muito mais importante para gente.”*¹² O patinador relatou na mesma entrevista que existem outros grupos de patinação no Rio de Janeiro; mas que possuem objetivos unicamente voltados para a prática esportiva, fazendo com que o hábito de patinar com o propósito de lazer ficasse abandonado. Dessa maneira, declarou que fundou a Gang dos Patins (juntamente com seus dois parceiros) com o objetivo de acolher o patinador no que chamou de *“grupo social”*. É justamente nos espaços de celebração das cidades que *“as pessoas se reúnem, reconhecem umas às outras e, com isso, conhecem a si mesmas”* (MAFFESOLI, 2004, p.58). Claudio organiza encontros e eventos temáticos na Gang dos Patins, promovendo desde festas juninas até noites de Halloween, onde os participantes se fantasiam a bordo dos seus patins.¹³ A Gang dos Patins pode ser vista como uma tribo, onde cada patinador participante usufrui do prazer de estar junto. Maffesoli (2010, p. 90) aponta que:

Cada um desses fenômenos é causa e efeito do sentimento de fazer parte: emoções sociais, intensificação da camaradagem ou da amizade. Mas esse sentimento significa, em profundidade, que o outro faz parte do grupo porque, juntos, fazemos parte de um território. Território real: o bairro, a cidade, a rua. Território simbólico: fazer parte comum sexual, musical, esportiva, religiosa. É a isso que se pode chamar de tribos naturais.

Maia e Bianchi (2012) argumentam que, quando nos encontramos territorializados, ancorados em algum lugar, compartilhamos identificações, nos percebemos em grupo, representamos o mundo de forma coletiva, pelo menos em determinados aspectos. O ponto de encontro da Gang dos Patins é a rua (mais especificamente, a Avenida Atlântica). A rua é um espaço coletivo, onde pode se observar *“tribos de escritores, de skatistas e de ciclistas que, ao constituir situações, correspondem à natureza do lugar da cidade contemporânea, determinada pela sua capacidade de abraçar uma multiplicidade de significações”* (LA ROCCA, 2015, p. 181). Partindo de tais reflexões, pode-se falar em uma tribo de patinadores, já que as cidades são constituídas

¹² Informação extraída de entrevista concedida por Claudio Castro à autora do artigo, realizada no dia 29 de julho de 2018.

¹³ < Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/cidades/onde-patinar-rio/> Acesso em 29 jan.2019 >

por tramas cotidianas, que ganham formas e contornos a partir de suas sociabilidades (FERNANDES, 2015).

No ano de 2009, a “Gang” de patinadores ganhou um participante especial: Josias Silva da Silva. Josias é paraense, e reside no bairro do Leme desde 2000. Ele atua de modo voluntário como instrutor de patinação aos domingos e feriados (das 16h às 18h), na “célula” da Gang dos Patins do Posto 2 de Copacabana.

Cabe registrar que a história de Josias na Gang dos Patins começou de modo casual, conforme se observa a seguir:

A minha história começou com a Gang eu passando aqui na Atlântica com a minha filha, que na época tinha 10 anos de idade, e que hoje já tem vinte anos. (...) Ela (Sabrina, filha do Josias) se interessou pela equipe, pelo pessoal patinando, pelas crianças, muitas pessoas patinando, e eu resolvi colocar aqui na Gang dos Patins. E em seguida, um dos fundadores da Gang dos Patins, o Claudio, disse: ‘Se a filha veio, então o pai também tem que vir!’ Então como eu desde 16 anos tinha experiência com patins, eu resolvi entrar na Gang, e estou até hoje, colaborando inclusive com os trabalhos da Gang¹⁴.

Aos 55 anos de idade, Josias trabalha como motorista particular em um escritório de advocacia, e declarou que o seu maior objetivo como instrutor voluntário na Gang dos Patins é: *“Reunir muitos patinadores, rever os amigos, o nosso maior propósito é esse. Esse encontro, essa confraternização de patinadores, de amigos. Esse é o nosso maior propósito: congregar as pessoas aqui com a gente”*.¹⁵ Freitas e Fortuna (2009, p. 114) argumentam que:

A sociabilidade se manifesta sem propósitos objetivos. Há interesses individuais, mas eles se dissolvem em meio à interação e se tornam autônomos a ela. Prevalece o interesse coletivo. O que importa é o sucesso da reunião social. Busca-se a confraternização.

Tal raciocínio reforça o pensamento que a contemporaneidade conduz à passagem da época do “eu” à época do “nós”, levando a uma interação, interdependência com o outro da tribo e do espaço no qual se situa (MAFFESOLI, 2014).

Na mesma entrevista (cedida à autora do presente artigo), Josias relatou que a Gang dos Patins recebe aos domingos e feriados um grande número de homens e mulheres de diversas faixas etárias, moradores do município do Rio de Janeiro (e também de outras cidades). O grupo também é composto por pessoas que frequentam a Gang dos Patins de

¹⁴ Informação extraída de entrevista concedida por Josias Silva da Silva à autora do artigo, realizada no dia 29 de julho de 2018.

¹⁵ Idem.

modo regular, cujas histórias de vida foram modificadas pela patinação (assunto a ser tratado no tópico 3).

Ao se referir ao trabalho como voluntário no grupo, Josias relata que a patinação é um lazer que possui no final de semana e nos feriados, e completa: “*quem quer tirar o estresse, é só botar um patim no pé, e vir patinar*”. Dumazedier (1979) explica que o lazer não é a ociosidade, e corresponde a uma liberação periódica do trabalho no fim do dia, da semana, do ano (ou de toda uma vida profissional). Na entrevista, Josias declara: “*O meu lazer no final de semana é patinar. É o que eu mais faço e que eu mais gosto. É patinar!*” O motorista declarou que foi através da Gang dos Patins que a sua filha Sabrina Paz (hoje com 21 anos) tornou-se bicampeã carioca de patinação, assunto a ser tratado no item a seguir.

3. Gang dos Patins na Avenida Atlântica: lazer, significados e sociabilidades na “Princesinha do Mar”

No final do século XIX, a Companhia Ferro-Carril Jardim Botânico inaugurou uma linha de bondes que ligava o centro do Rio de Janeiro até Copacabana (que na época era um distante e ermo areal). Por um lado, através dos bondes da companhia, seguiam para o bairro cidadãos que viam no local a chance de fazer lucrativos negócios. Mas por outro lado, através dos mesmos bondes, trabalhadores viam Copacabana como uma opção de lazer pagando apenas uma passagem (O’ DONNELL, 2013). Ou seja: desde o seu surgimento, o bairro de Copacabana já era “território incorporado, sob o signo do lazer, ao universo simbólico de variados círculos socioculturais” (O’DONNELL, 2013, p.59).

Velho (1999) cita como característica do bairro de Copacabana a sua população diversificada sob todos os aspectos, com contrastes, com estilos de vida diferenciados, onde a heterogeneidade é o ponto central. Estilos de vida dizem respeito ao conjunto de práticas e valores disponíveis para serem escolhidos, os quais os indivíduos incorporam, ou aos quais aderem (GIDDENS, 2002). Nesse sentido, vale reforçar que o Rio de Janeiro pode ser percebido como um amálgama, conforme destaca Lessa (2005, p. 29):

Nessa configuração imposta pelo lugar existe a possibilidade de um laboratório único de convivência social, para a qual contribui essencialmente a linearidade. (...) No Rio a convivência é sistêmica e estrutural: as classes compartilham um mesmo espaço, uma espécie de solidariedade orgânica, à la Durkheim. (...) O abismo social não cancela a proximidade.

Voltando ao bairro de Copacabana, Velho (1999) aponta que os vários mundos copacabanenses acompanham a sua complexa identidade. Nesse contexto, é importante frisar que o bairro e a praia de Copacabana são interculturais sob o olhar da contemporaneidade. Desse modo, o conceito de interculturalidade significa um conjunto de propostas de convivência democrática entre diferentes culturas, buscando integrá-las sem anular sua diversidade, fomentando assim o potencial criativo e vital resultante das relações entre diferentes agentes e seus respectivos contextos.¹⁶ Conforme exposto no tópico 2 do presente trabalho, aos domingos e feriados a Gang dos Patins não recebe somente patinadores que residem em Copacabana e nos demais bairros do Rio de Janeiro, mas também pessoas que moram em outros municípios do Estado - e vão para Copacabana em busca de lazer. Turistas de outros estados do Brasil também aparecem, ansiosos por patinar pela Praia de Copacabana. Cidades e seus bairros são mídias, personagens, roteiros e cenários, além de centros produtores de cultura (FREITAS, 2017). Em entrevista cedida à autora do artigo, Josias (instrutor voluntário de patinação da “Gang”) relatou:

A Gang dos Patins aqui em Copacabana, aqui na Zona Sul: muitas pessoas patinadoras elas vêm dos municípios do Rio de Janeiro, tipo Duque de Caxias, vêm de São Gonçalo, Itaboraí, Niterói. Então eles vêm de lá porque aqui é Zona Sul, então você tem várias opções, aqui você tem uma rua de lazer. A Avenida Atlântica fica fechada para carros e fica aberta para o lazer. Então eles vêm para cá, vêm se reunir para patinar aqui na Gang dos Patins e se sentem à vontade, entendeu?¹⁷

A Gang dos Patins proporciona uma experiência intercultural. Entre dicas e manobras de patinação, o paraense Josias busca atender a todos, incluindo os patinadores que não são cariocas e nem copacabanenses. Para Canclini (2007), a interculturalidade remete ao entrelaçamento, àquilo que se sucede quando os grupos entram em relações e trocas. Baudouin (2016) frisa que a interculturalidade apresenta um nível alto de integração, de algum modo um processo sobre o qual a diversidade cultural age como um espaço de negociação das culturas umas em relação às outras - e que abre o caminho para um aprofundamento das trocas.

Também existe um grupo composto apenas por patinadores infantis na “Gang” (foto 1). As crianças são recebidas com carinho e paciência pelo instrutor voluntário de

¹⁶ <Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/INTERCULTURALIDADE.pdf> Acesso em 14 fev.2019>

¹⁷ Informação extraída de entrevista concedida por Josias Silva da Silva à autora do artigo, realizada no dia 29 de julho de 2018.

patinação. Ao ser indagado sobre o seu relacionamento com o público infantil, Josias mencionou emocionado:

Ah, aí já mexe mais com o coração da gente... É uma relação mais dedicada. É um carinho mais profundo por elas, porque elas têm uma recíproca verdadeira a meu respeito, entendeu? Elas compartilham alegria comigo, sabe? Elas reconhecem o meu carinho que eu tenho por elas. E pelos pais, que trazem elas para aprender a patinação.



Josias na Av. Atlântica com alguns dos patinadores infantis.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

De acordo com o trabalho de campo realizado em julho de 2018 no Posto 2 da Praia de Copacabana, foi possível perceber que o ato de patinar na Gang dos Patins é capaz de suscitar sentimentos e afetividades entre os diversos membros do grupo. Freitas (2011) aponta que é justamente entre as evidências que a cidade produz permanentemente sentidos e significados para os seus habitantes.

Le Breton (2009) destaca que a afetividade mistura-se a acontecimentos da vida coletiva e pessoal, implicando em um sistema de valores posto em prática pelo indivíduo. Nesse contexto, a afetividade na vida social a impulsionaria rumo à epifanização e à valorização do que faz a natureza humana, colocando em comum seus afetos e celebrando esta comunalização em refeições, festas, procissões, “um modo de dizer o prazer de estar-junto” (MAFFESOLI, 2010, p.74). Diante de tais afetos, pode-se observar que a convivência na Gang dos Patins foi capaz de trazer novas e positivas experiências para a vida de alguns dos seus participantes. Desse modo, serão analisados três casos cujas histórias de vida se misturam com a da Gang dos Patins: Renata Falcão, Pedro Falcão e George Pretyman.

Renata Falcão possui 45 anos e é separada. Nasceu no Rio de Janeiro, e reside em Copacabana desde 1995. É jornalista e psicopedagoga. Mora com o filho, Pedro Falcão (patinador na Gang dos Patins). Renata conheceu a Gang dos Patins em 2014, e mencionou que chegou a patinar logo após se separar do marido. Todavia, Renata teve que parar com a patinação por ordens médicas, já que possui hérnia de disco. Mesmo impedida de patinar, Renata relata que continuou frequentando o grupo com o filho, conforme a seguir¹⁸:

Nesses quatro anos, todo domingo e feriado, o Pedro está patinando. E graças à Gang, há cerca de um mês e meio atrás teve campeonato, que foi realizado lá no Clube Boqueirão - e o Pedro foi o 2º colocado no campeonato de Slalom¹⁹ junto com a Sabrina, que é a filha do Josias, que é um dos professores daqui. E ela foi a 1ª colocada.

Quando indagada sobre a importância da Gang dos Patins na sua vida, Renata respondeu:

Toda! Na realidade, fui casada durante 20 anos. E depois que eu me separei, eu tive que recomeçar a vida. E nesse recomeço, eu conheci a Gang. E graças à Gang, o meu filho hoje ele... Ele sempre foi esportista. Mas graças à Gang, ele não foi para o caminho errado, ele está competindo. Na 1ª competição que ele participou, já conquistou uma medalha. (...) Sem a Gang, seria muito mais difícil para mim como mãe. Eu me tornei mãe solteira da noite para o dia, né...

Visando complementar a análise, também foi realizada uma entrevista com Pedro Falcão (filho de Renata). No início da conversa, o adolescente de 15 anos demonstrou extrema timidez. Mas ao ser indagado sobre os seus dados pessoais (idade, bairro de moradia, etc.), Pedro respondeu espontaneamente: *“Eu tenho 15 anos. Estudo no Pedro II. Minha família é: eu e minha mãe. E a Gang dos Patins também, porque aqui eu faço vários amigos, e sempre um ajuda o outro, um apoia o outro.”*²⁰

Por fim, o caso do sexagenário George Pretyman também apresenta uma história de vida onde a Gang dos Patins possui grande importância. George tem 66 anos de idade e mora na Zona Sul do Rio de Janeiro. O seu primeiro contato com o grupo de patinação foi no Parque dos Patins (na Lagoa Rodrigo de Freitas, onde o projeto nasceu). Durante a entrevista cedida à autora do trabalho²¹, George revelou que a sua 2ª esposa, Tania Nomura-Pretyman, morreu

¹⁸ Informação extraída de entrevista concedida por Renata Falcão à autora do artigo, realizada no dia 29 de julho de 2018.

¹⁹ Modalidade técnica de patinação que consiste em realizar manobras em torno de uma fileira de cones espaçados com igual distância entre eles.

²⁰ Informação extraída de entrevista concedida por Pedro Falcão à autora do artigo, realizada no dia 29 de julho de 2018.

²¹ Informação extraída de entrevista concedida por George Pretyman à autora do artigo, realizada no dia 29 de julho de 2018.

assassinada, fazendo com que ele entrasse em desespero. George falou sobre a importância da patinação e do grupo Gang dos Patins após a morte da companheira:

(...) Eu tive uma coisa assim muito triste na minha vida. Eu me separei da 1ª mulher. Mais tarde eu encontrei uma japonesa. Isso faz uns dezoito anos. E essa japonesa, ela foi assassinada pelo filho por causa do dinheiro do meu pai. E isso aí foi muito triste. Está sendo triste até hoje. E como a família é amiga de político, nada aconteceu. Isso significa que até hoje é como se ela tivesse morrido de um ataque do coração, quando sei que ela foi assassinada... Então eu vivo esse dilema. É um dilema pesado. (...) Eu estava assim bem desesperado, que eu tinha perdido a minha esposa. E eu fui lá para o Parque dos Patins. Eu inclusive perdi muito peso, fiquei muito fraco com essa história. Eu comecei a ter muitas dores. E aí o patins fez com que eu voltasse a usar as pernas, a movimentar de novo. E aí eu comecei a me sentir cada vez melhor. O Josias sempre me dando apoio. E assim... Foi um momento assim de esquecer os problemas. De meditar e dançar. É fantástico. Eu recomendo muito.

Partindo das experiências e vivências de cada pessoa entrevistada em relação à Gang dos Patins, pode-se observar que as sensibilidades também são elaboradas no deambular das ruas, já que “quando prestamos atenção nas cidades, percebemos o quanto elas nos comunicam” (FREITAS, 2017, p. 63). Ou seja: é na maneira como os sujeitos ocupam os espaços urbanos lado a lado com os outros que a cidade vai se construindo nos encontros e desencontros, revelando as possibilidades de partilhá-la (MAIA e BIANCHI, 2012).

Para finalizar, vale ressaltar que, além de uma forma de lazer, a patinação também é considerada um estilo de vida. McCracken (2003) menciona que os estilos de vida podem ser entendidos partindo da utilização das teorias estruturais do significado, já que as coisas andam juntas por causa de sua consistência cultural interna. E no caso da Gang dos Patins, o convívio entre os patinadores transborda para as múltiplas facetas da história pessoal de cada um, já que o lazer é uma criação humana que está em constante diálogo com as demais esferas da vida, e participa da complexa trama histórico-social que caracteriza a vida em sociedade (GOMES, 2008).

4. Considerações finais

À guisa de conclusão, entender as percepções e os significados atribuídos pelos participantes do grupo sobre a Gang dos Patins (bem como sobre o ato de se reunir na Avenida Atlântica em momentos de lazer aos domingos e feriados) fornece pistas das tramas cotidianas da cidade - e que se evidenciam como um elemento potencializador de sociabilidades. O espaço público se torna um local popular de lazer, e pode-se perceber o

sucesso das ruas fechadas para o trânsito de automóveis nos fins de semana (LESSA, 2005). É interessante observar que representamos uma cidade quando, em nossas narrativas, atribuímos significações ao acontecido, e as experiências narradas são as certezas do vivido (MAIA e BIANCHI, 2012).

As dimensões afetuais suscitadas pela patinação como opção de lazer através das experiências dos seus patinadores revela como os espaços são reconfigurados pelos atores sociais, sujeitos transformadores que compartilhando o cotidiano tornam o mesmo um lugar, ambiente de afeto (MAIA e BIANCHI, 2012). Nesse sentido, as emoções que nos acometem e a maneira como elas repercutem sobre nós tem origem em normas coletivas implícitas (LE BRETON, 2009).

Apesar do cenário saturado de problemas sociais potencializados por um Governo do Estado falido e por uma prefeitura ativamente apagada, a variedade cultural e a beleza natural fazem do Rio de Janeiro uma cidade cuja concepção do espaço urbano remete à ideia de movimento, aliada à contemporaneidade. E nesse sentido, patinar como lazer junto à “tribo de patinadores” da Gang dos Patins pode ser um dos fios tecidos na rede humana de significados (GOMES, 2008). E quando a patinação possui como pano de fundo a “Princesinha do Mar”, pode-se entender como sensibilidades e estilos nos permitem dialogar com o mundo, fornecendo pistas acerca do consumo e da cultura de uma cidade através do bairro que foi a porta da modernidade carioca.

Referências

BAUDOUI, Remi. L’interculturalité urbaine. In: SUTER, Patrick et al. **Regards sur l’interculturalité**: un parcours interdisciplinaire. Métis Presses, series: Voltiges , 2016.

BORELLI, Silvia H. S. et al. A urbanidade como espelho: cultura, mídia, produção e consumo nas cidades. In: FREITAS, Ricardo Ferreira; BORELLI, S. H. S. (Orgs.). **Comunicação, narrativas e culturas urbanas**. São Paulo e Rio de Janeiro: EDUC/UERJ, 2009.

CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

CARDEMAN, Rogerio Goldfeld. **Por dentro de Copacabana**: descobrindo os espaços livres do bairro. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

CORRÊA, Sílvia Borges. Lazer, trabalho e sociabilidade na Praia de Copacabana. In: BARBOSA, Livia et al. (Org.). **Consumo**: cosmologias e sociabilidades. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

_____. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

FERNANDES, Cíntia Sanmartin. Corpos Sensíveis na dinâmica urbana: interações e sentidos. In: SIQUEIRA, Denise (Org.). **A construção social das emoções: corpo e produção de sentidos na comunicação**. Porto Alegre: Sulina. 2015.

FREITAS, Ricardo Ferreira. **Da Cidade-espetáculo à Cidade-mercadoria: a comunicação urbana e a construção da marca RIO**. In: Revista Eco Pós/UFRJ, Dossiê Comunicação Urbana. v. 21. nº. 3, 2017.

<Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/14473 Acesso em 02 fev. 2019>

_____. Comunicação e espaços urbanos de consumo. In: FREITAS, Ricardo F.; OLIVEIRA, Janete da Silva (Orgs). **Olhares Urbanos: estudos sobre a metrópole comunicacional**. São Paulo: Summus, 2011.

_____; FORTUNA, Vania Oliveira. O Rio de Janeiro continua lindo, o Rio de Janeiro continua sendo um grande palco de megaeventos. In: BORELLI, Silvia Helena Simões; FREITAS, Ricardo Ferreira. (Org.). **Comunicação, narrativas e culturas urbanas**. São Paulo: Educ, 2009.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002

GOMES, Christianne Luce. **Lazer urbano, contemporaneidade e educação das sensibilidades**. Itinerarium (Rio de Janeiro, 2008), v.1, p.1-18, 2008.

LA ROCCA, Fabio. A encenação do corpo e suas formas expressivas na cidade. In: SIQUEIRA, Denise (Org.). **A construção social das emoções: corpo e produção de sentidos na comunicação**. Porto Alegre: Sulina. 2015.

LE BRETON, David. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LESSA, Carlos. **O Rio de Janeiro de todos os brasis**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **Homo eroticus: as comunhões emocionais**. São Paulo: Forense Universitária, 2014.

_____. **Notas sobre a pós-modernidade: O lugar faz o elo.** Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

_____. **O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno.** Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. **Saturação.** São Paulo: Iluminuras, 2010.

MAIA, João; BIANCHI, Eduardo. Réveillon de Copacabana: territorialidades temporárias. In: FERNANDES, Cíntia Sanmartin; MAIA, João; HERSCHMAN, Micael. (Orgs.) **Comunicações e Territorialidades: Rio de Janeiro em cena.** Rio de Janeiro: Anadarco, 2012.

MASCARÓ, Juan José; OLIVEIRA, Lucimara Albieri de. **Análise da qualidade de vida urbana sob a ótica dos espaços públicos de lazer.** In: Ambiente Construído (Online), v. 7, p. 21-31, 2007.

<Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/ambienteconstruido/article/viewFile/3737/2090> Acesso em 02 fev. 2019>

McCRACKEN, Grant. **Cultura e Consumo.** Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

MYERS, Greg. Análise da conversação e da fala. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

O' DONNELL, Julia. **A invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

SLATER, Don. **Cultura do consumo e modernidade.** São Paulo: Nobel, 2002.

VELHO, Gilberto. Os mundos de Copacabana. In: VELHO, Gilberto. **Antropologia urbana.** Rio de Janeiro, Zahar, 1999.